



Book Review: Angotti Neto and the case against Medicine as Ideology
Resenha Literária: Angotti Neto e a denúncia da medicina como ideologia

Ivanaldo Oliveira dos SANTOS FILHO¹

RECEBIDO: 05.08.2014

APROVADO: 01.11.2014

Em 1968 o filósofo alemão Jürgen Habermas causou grande polêmica ao publicar o artigo *Ciência como ideologia*. Neste ensaio Habermas afirma que a ciência e a tecnologia são fruto de um produto histórico e, em algum sentido, fruto das necessidades e da evolução cultural da espécie humana. No entanto, na modernidade não se pode afirmar que ciência e a tecnologia sejam neutras. Ao contrário, elas possuem um forte conteúdo ideológico e, muitas vezes, estão a serviço de interesses econômicos, de partidos políticos e de classes e estruturas sociais. Ao afirmar que dentro da ciência existe uma ideologia, Habermas ajudou a promover o debate sobre os fins e os valores da ciência. Já o pensador Gilberto Dupas, em *O mito do progresso*, denuncia o caráter ideológico contido na ideia de progresso. Para ele essa ideia é amplamente divulgada por amplos setores da sociedade (partidos políticos, mídia, escola, universidade, etc.) e criou, ao longo dos últimos três séculos, uma visão positiva e otimista que o ser humano caminha, numa reta sem fim, para experimentar formas societárias cada vez mais sofisticadas e mais ricas. No entanto, essa ideia esbarra na dura realidade, que demonstra, a cada década, que o projeto do progresso é falso e ilusório. Em grande medida, esse projeto trouxe ao ser humano guerras, destruição e uma profunda alienação de si mesmo e, para usar uma expressão cunhada por Jürgen Habermas, do *mundo da vida*.

¹ Filósofo, com pós-doutorado em estudos da linguagem pela USP, doutor em estudos da linguagem pela UFRN, professor do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: ivanaldosantos@yahoo.com.br.



Entre Jürgen Habermas e Gilberto Dupas existe um percurso de denúncia sobre o caráter ideológico e ilusório das promessas feitas pela modernidade. No Brasil, um capítulo a parte dessa denúncia acaba de ser publicado. Trata-se do livro *A morte da medicina* de Hélio Angotti Neto².

Para Angotti Neto (2014) o mundo moderno e contemporâneo está mergulhado em uma ampla rede de ideologias. Grande parte do sistema societário que compõe o cotidiano (escola, mídia, etc.) está mergulhado em algum tipo de nível ou sistema ideológico. A medicina deveria, em tese, estar fora desse sistema ideológico. Devido a sua origem no mundo antigo e a sua nobre missão sociocultural, a medicina deveria se dedicar a cultivar o valor da vida, a debater e incentivar os mais elevados valores éticos e humanísticos e a desenvolver, de forma neutra e equilibrada, novos remédios, tratamentos e terapias para trazer o bem estar e o alívio do sofrimento ao ser humano.

No entanto, Angotti Neto (2014) denuncia que, no mundo contemporâneo, ao invés da medicina se dedicar a esses nobres princípios, está se transformando em um espaço de disseminação de ideologias e de projetos de controle e manipulação social.

A denúncia realizada por Angotti Neto (2014) pode ser didaticamente dividida em duas grandes partes.

A primeira é o fato do médico e outros profissionais da saúde estarem sendo colocados a serviço da chamada *(re)engenharia social* que tem por missão mudar a forma como o homem pensa, trabalha e se relaciona em sociedade. O médico foi escolhido para essa missão pelo fato de historicamente os diversos grupos sociais (pobres, ricos, governantes etc.) ouvirem, sem grande questionamento, as recomendações oriundas do médico. Nesse contexto, “objetivos obscuros se fazem presentes, e o bem do paciente se torna algo secundário em relação a outro ideal [...]. O médico deixa de ser médico e se torna outra coisa, muitas vezes brutal e potencialmente letal”³.

Esses *objetivos obscuros* são disfarçados com pretensas pesquisas científicas. São pesquisas que, em muitos casos, apresentam apenas um único experimento,

² ANGOTTI NETO, Hélio. *Morte da medicina*. Campinas, SP: Vide Editorial, 2014, 155 p. ISBN: 9788567394015.

³ *Ibid.*, p. 12.



que estão longe da realidade cotidiana, que não falam para o homem real e comum e, o mais grave, trabalham com situações puramente hipotéticas sem, como determina o rigor da ciência, fazerem referências a situações reais e concretas. São pesquisas que não passam do “mais puro subjetivismo ideológico”⁴

A segunda é que o médico, na sociedade contemporânea, está deixando de ser um profissional que se dedica a vida humana e um promotor de valores éticos, para se transformar em uma espécie de *vendedor de ilusões e de remédios*. Para Angotti Neto atualmente existe todo um sofisticado e articulado discurso que afirma que o médico não deve se preocupar com temas éticos e que a vida humana é apenas uma ferramenta de trabalho e até mesmo de consumo de um profissional liberal, estilo *classe média*, que deve desfrutar de bons salários e alto padrão de consumo. Esse profissional é o médico.

O livro de Angotti Neto é uma grande denúncia do caráter ideológico que invadiu a medicina nas últimas décadas e de como o profissional de medicina pode se transformar em uma simples ferramenta dentro da (re)engenharia social. Por causa disso, trata-se de um livro que funciona como um grande alerta aos profissionais de medicina, biociência e de ética. Um alerta sobre o tipo de formação e de função que é atualmente destinada ao médico dentro das universidades e dentro das estruturas sociais. Se a medicina se transformar em uma simples engrenagem ideológica, como adverte Angotti Neto (2014), o projeto de humanização e melhoramento ético da espécie humana, herdado dos gregos e do cristianismo, poderá estar definitivamente destruído e, com isso, o homem poderá entrar numa perigosa era de barbárie contínua e talvez eterna.

Por fim, afirma-se que o livro de Angotti Neto (2014) aborda um tema atual que deve ser lido e debatido, por meio do rigor e da neutralidade científica, nos cursos de medicina, de biociência, de pós-graduação e de ética médica e de ética humanística. Esse livro deve ser lido e debatido juntamente com *Ciência como ideologia*, de Jürgen Habermas, e *O mito do progresso*, de Gilberto Dupas.

⁴ *Ibid.*, p. 8.